



## **Entrevista com a conselheira vitalícia e ex-presidente da ABPp Maria Cecília Castro Gasparian**

Mestre e Doutora em Educação: Currículo pela PUCSP  
Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa da Interdisciplinaridade da PUCSP.

Presidente da ABPp Nacional triênio 2001-2003

Pedagoga, Psicóloga, Psicopedagoga

Terapeuta de Família e de Casal.

Professora da Pós-Graduação em Psicopedagogia do Centro  
Universitário São Camilo.

Conversando com a psicopedagogia...

1. Conte-nos sobre a sua história na Psicopedagogia.

Resp: Minha história na Psicopedagogia não é longa como muitos podem imaginar. Fiz o curso de Psicopedagogia na PUC-SP em 1994 quando decidi que não queria mais ser professora e trabalhar na escola. Ganhava-se pouco, trabalhava-se muito e o custo e o benefício realmente não era atrativo para ninguém. Porém, queria trabalhar com crianças com dificuldades de aprendizagem. Terminei o curso e minha monografia, mais tarde transformou-se num livro: “A Psicopedagogia Institucional Sistêmica”, idéias que trouxe do curso de especialização em Psicologia da Mulher e trabalho feito com famílias de doentes terminais realizado nos Estados Unidos onde vivi por 8 anos. Este trabalho não foi aceito de imediato e que por sinal foi muito criticada na época, pois a

abordagem sistêmica era pouco ou nada divulgada e aceita. Naquela época a maioria das psicopedagogas seguia uma orientação psicanalítica o que diziam não combinar com as idéias sistêmicas sugeridas. Confesso que pensei em desistir, mas como sou teimosa e acredito nas minhas convicções, segui em frente. Como eu não era psicóloga na época, custava muito a entender a teoria psicanalítica. Minha porta de entrada na Psicopedagogia foi pelas mãos da minha prática como professora e pela convicção de que a abordagem sistêmica era melhor para minha prática. Entrei para a diretoria da ABPp pelas mãos generosas de Neide Noffs, minha professora na PUC-SP, por ocasião da eleição de Nívea Fabrício, onde ocupei o cargo de Diretora Financeira, quando acabou sua gestão, fui eleita presidente onde permaneci por 3 anos e fui substituída por Maria Irene Maluf. Para finalizar este relato devo confessar que continuo meu trabalho com a escola, não mais na escola, mudei meu foco, mas não mudei minha esperança de professora, atualmente, além de ministrar aulas no curso de Psicopedagogia do Centro Universitário São Camilo, faço atualização de professores, reorganizo currículos para crianças com dificuldades para aprender, faço a mediação entre família e escola; professor e pais; professores e alunos, e também assessoro escolas nas dificuldades de inter-relacionamento variados.

2. Qual a contribuição da Psicopedagogia para a diminuição do analfabetismo funcional?

Resp: Esta questão não é muito fácil de responder por que o analfabetismo funcional depende de uma série de fatores, tais como: a idade, o contexto sócio-econômico e se houver, os comprometimentos cognitivos da pessoa em questão, mas de uma forma geral a contribuição que a Psicopedagogia além de direcionar seu olhar e sua escuta para a pessoa em questão, deve também estar atento às questões referentes as reflexões sobre o que se lê, conduzindo o leitor a responder para quem ler o que estou lendo. Segundo Paulo Freire ele diz “Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.”

Claro que Paulo Freire tem um tom bem político, porém, utilizo seu exemplo para dizer que a reflexão se ensina refletindo junto com o aprendiz. Essa questão exige uma atitude de intervenção de base, nos anos iniciais, além disso, auxiliar as famílias também a pensar dessa forma. Senão estaremos “enxugando gelo” e será muito difícil diminuir este fator tão limitante na vida do indivíduo.

3. As crianças da contemporaneidade se relacionam com o mundo de maneira diferente das crianças de 30 anos, atrás. Você considera essa diferença como um fator que interfere na construção do conhecimento?

Resp: Sim, considero um fator que interfere positivamente na construção do conhecimento e que bom que isso esteja acontecendo. Não gostaria de ver meus netos tendo que ainda construir seu conhecimento da forma como eu ou minha filha fazíamos, sem as novas tecnologias. Temos que acompanhar o progresso, mas de forma planejada e sempre atualizada porque ainda não sabemos quais implicações isso poderá acarretar. As informações são muitas e o cérebro ainda não está acostumado a acompanhar a velocidade que essas informações veiculam. Penso que estamos num processo de grandes transformações e descobertas e ninguém ainda sabe com certeza as consequências de tudo isso, porém, o bom senso deve sempre prevalecer. Sou uma otimista, acho que sobreviveremos a esta “catástrofe”.

4. Escola e família têm papéis, interferências e funções distintas na vida de cada um. Conte a sua experiência como Psicopedagoga na relação com essas duas instituições.

Resp.: Minha relação com essas duas instituições sempre foi muito agradável, algumas difíceis outras nem tanto, algumas vezes tensas outras vezes suaves. Tudo depende do contexto, da forma como se conduz a relação e da estrutura de cada uma dessas instituições, o seja, depende de fatores muito complexos, mas uma das orientações é que temos que saber fazer as mediações adequadas, sem que haja um investimento muito grande emocional ou afetivo com cada uma delas. Temos que ter em mente que mediar é a arte de saber ceder, e isso sempre me ajudou nas relações com

essas duas instituições que, paradoxalmente são muito iguais, mas completamente diferentes. Elas querem, no fundo, que tudo mude, mas que as relações de poder continuem do mesmo jeito. Acho engraçado, mas aos pouco, vamos mostrando que tanto uma quanto a outra devem olhar para a mesma direção, ou seja, para a criança e colocar cada uma delas em seu devido papel exigido pela sociedade onde se vive, ou seja, família educa e escola complementa essa educação socializando o saber. Família e escola se complementam e com essa forma de pensar estaremos beneficiando não só a criança, mas toda a comunidade onde a escola está inserida.

5. Como a Psicopedagogia pode atuar como agente colaborador na intervenção com os adultos e a terceira idade?

Resp: É curiosa esta pergunta, eu mesma estou na terceira idade e posso dizer que gostaria de ser tratada por um psicopedagogo com gentileza e compaixão, com generosidade e humildade. Que este profissional entenda que somos adultos e temos uma história e não crianças e que devemos aprender no último terço da vida a vivê-la bem apesar de todas as dificuldades que temos, com esperança e otimismo, afinal já cumprimos grande parte de nossa existência e temo uma bagagem bem grande de sabedoria. Estou cansada de ver nas instituições que trabalham com essas pessoas tratarem os idosos como se fossem crianças. Alguns, com doenças degenerativas como a demência senil, ou Alzheimer, dependendo do estágio, vão precisar apenas de companhia, outros poderão precisar de uma boa leitora de livros e de alma, ou de uma boa ouvinte. Seja qual for a necessidade, nosso olhar e nossa escuta deve estar voltada para a necessidade da pessoa e não para as nossas necessidades, nossas angústias e nossas ansiedades em ajudar o outro. Cada um de nós está numa fase do desenvolvimento humano e nossas necessidades são bem diferentes, porém, o amor cabe em todas as fases.

6. Quais aspectos você considera relevante na formação do psicopedagogo?

Resp.: Penso que não existe um aspecto relevante, mas sim um conjunto de aspectos relevantes em qualquer formação de um profissional, seja qual for sua escolha. No caso do psicopedagogo que vai lidar com as dificuldades de aprendizagem escolar, ele deve se apropriar das diversas teorias que dão embasamento à nossa prática, além de saber que no nosso trabalho entra também as questões emocionais e afetivas de cada um, e isso não é pouco. Cabe também dizer que estamos em constante “formação” e por ser um processo contínuo devemos sempre procurar nos atualizar participando de encontros, e eventos da área.

7. Como a Associação de classe pode contribuir na formação do psicopedagogo?

Resp.: As associações de classe como sabemos é a reunião ou agrupamento de pessoas para a realização de objetivos comuns, que são nossos ideais. Não tem a finalidade lucrativa, porém tem uma orientação jurídica, possui um estatuto e um código de ética para seus associados. Assim, alguns de seus objetivos são organizar e promover reuniões e eventos em prol do aprimoramento de seus membros. Na realidade as associações em geral e a ABPp em particular não faz a formação do profissional, ou pelo menos não deveria, porém, ela colabora com o aprimoramento de seus associados através dos eventos que ela promove.

8. Qual a contribuição que a presença do psicopedagogo traz dentro da instituição escolar?

Resp.: As contribuições que um psicopedagogo pode trazer para uma escola são muitas, citarei algumas que penso ser bem relevantes: criar projetos de inclusão individual para crianças com dificuldades de aprendizagem, mas também projetos coletivos de inclusão; auxiliar o coordenador pedagógico na organização de conteúdos pedagógicos e reuniões de e com professores e pais; fazer mediação de conflitos intra e interpessoais. Elaborar programas de interação entre os alunos e entre alunos e professores e entre as famílias. Avaliar crianças com dificuldades de aprendizagem e elaborar um projeto para que ela possa

aprender. Fazer um trabalho de prevenção para se evitar as possíveis fraturas do saber, etc.

9. Quais orientações relevantes você daria para o psicopedagogo que busca o desenvolvimento profissional?

Resp: Penso que uma boa "dica" para os psicopedagogos que buscam o desenvolvimento profissional é que eles se associem a sua representante oficial de sua classe a ABPp, pertencendo a um grupo que comunga os mesmos objetivos e ideais para que não se sintam sozinhos, e que procurem sempre um aperfeiçoamento de suas práticas, fazendo cursos, reuniões de estudos e de trocas de experiências supervisão de casos, etc.